

**“É na vacuidade que as coisas vivem a descansar em seu fundamento originário”:
ipseidade, vacuidade e nada em Nishida e Hegel**

**"It is in emptiness that things live, resting on their originary foundation":
selfhood, emptiness, and nothingness in Nishida and Hegel**

**“Es en el vacío donde viven las cosas a la descansar en su fundamento original”:
la ipseidade, el vacío y la nada en Nishida y Hegel**

DOI: 10.5281/zenodo.22947719

Recebido: 22 set 2026

Aprovado: 24 set 2026

Caio César Costa Santos

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. (Lagarto - Sergipe, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Este artigo na forma de ensaio teórico investiga as noções de ipseidade, vacuidade e nada em Nishida e Hegel, tendo como pano de fundo ou *background* o mundo. Tomamos o mundo primeiro partindo de sua ipseidade - é o “si” do mundo na percepção de Nishida e a “aparência” na visão de Hegel. Em um segundo momento, discutimos acerca da determinação do si mesmo do mundo em relação ao ser-aí. E, por fim, em um terceiro e último momento, exploramos a definição da determinidade do carácter do si do mundo enquanto vacuidade pura, também nestes dois autores. Nossos resultados mostram que o si do mundo parte originariamente de seu fundo porque, como afirma Keiji na obra “La religión y la nada” - “as coisas só descansam ininterruptamente em seu fundamento mais originário possível”.

Palavras-chave: Ipseidade. Vacuidade. Nada. Nishida. Hegel.

ABSTRACT

This paper, in the form of a theoretical essay, investigates the notions of selfhood, emptiness, and nothingness in Nishida and Hegel, using the world as a backdrop. We first consider the world from its selfhood—the “self” of the world in Nishida's perception and the “appearance” in Hegel's view. Secondly, we discuss the determination of the world's self in relation to Dasein. Finally, in a third and final stage, we explore the definition of the determinacy of the world's self as pure emptiness, also in these two authors. Our results show that the world's self originates from its background because, as Keiji states in the work “La religión y la nada”—“things only rest uninterruptedly in their most original possible foundation.”

Keywords: Selfhood. Emptiness. Nothingness. Nishida. Hegel.

RESUMEN

Este artículo, en forma de ensayo teórico, investiga las nociones de identidad, vacuidad y nada en Nishida y Hegel, utilizando el mundo como telón de fondo. En primer lugar, consideramos el mundo desde su identidad: el «yo» del mundo en la percepción de Nishida y la «apariencia» en la visión de Hegel. En segundo lugar, analizamos la determinación del yo del mundo en relación con el Dasein. Finalmente, en una tercera y última etapa, exploramos la definición de la determinación del yo del mundo como pura vacuidad, también en estos dos autores. Nuestros

resultados muestran que el yo del mundo se origina en su trasfondo porque, como afirma Keiji en la obra «La religión y la nada», «las cosas solo permanecen ininterrumpidamente en su fundamento más original posible».

Palabras-clave: Identidad. Vacío. Nada. Nishida. Hegel.

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS AO FUNDO DO MUNDO

Kitarô Nishida, brilhante filósofo japonês, passou a sua carreira como filósofo a contemplar o infinito do nada. Para ele, calcado na filosofia hegeliana, o nada seria uma especie de vácuo absoluto onde o si mesmo do homem resultaria em uma insondável vacuidade majestosa e absolutamente interior. Nishida aposta na ideia de que, dentre todos os seres, é a especie humana a única capaz de adquirir e ao mesmo tempo contemplar uma interioridade absoluta; o que quer dizer que a pura vacuidade do ser-humano é resultado de sua profunda e abismal interiorização de si mesmo. O hegelianismo de Nishida é, na verdade e em sua realidade absoluta, o nada absoluto. Diante de sua capacidade como filósofo do oriente, Nishida acredita, assim como acreditou o Sr. Heidegger, na profunda interiorização do ser ou, com outras palavras, na profunda e abismal nadificação do ser. Nishida não olha necessariamente o “ser” como algo absolutamente apenas “sobrenatural” porque a sua teoria do “nada absoluto”, para este filósofo, é uma questão interna, própria e imanente ao ser. A questão que Nishida coloca é “como ver o si no si?”. Ou seja, como o si mesmo passa a ser si mesmo evocando consequentemente o seu “fundo de si abismal”? Aqui, de acordo com a sua concepção de “ser”, o “ser” não teria ou não seria além do mais uma “forma”, ou seja, o “ser” que é, para ele, o “si mesmo” nunca nem jamais foi uma “forma”. Muito pelo contrário, o “ser”, para Nishida (2014), é, na verdade e em sua verdade, um “nada”. Somos, então, um nada; e nada mais que isto.

Junto a Hegel (2018), possibilitamos a possibilidade de que o “ser” muito além de um “ser-aí” é a necessidade de um “conceito”; puramente um “conceito”, sem forma ou mesmo sem conteúdo concretos e/ou sensitivos. O “ser” seria, então, o “nada”. E este mesmo “ser” poderia, tanto para Hegel quanto para Nishida, alcançar o nada absoluto. Não vemos aqui também, como o Sr. Heidegger também viu e observou, que este “ser” seria uma especie de “substância”. Não. O único tecido que o envolve fundamentalmente é a sua abstração de origem. Porque, em suma, “somos seres abstratos, profundamente abstratos, por natureza”. Ou seja, donos de uma “mente abstrata”, a origem, o começo e o fim de toda mente abstrata é justamente a nadificação de seu ser, ou seja, a sua pura vacuidade. Costumo dizer que caminhamos incessantemente rumo ao tudo quando nos resta somente o nada... O fim ou o início ou mesmo o início ou o fim é o ser cair em sua pura vacuidade, quando o ser si é puramente junto à sua mente abstrata, um nada devidamente nada a ser. Ou seja, “ver o si no si”; o que resulta dizer que muito longe de termos o pensamento utópico de nós sermos alguma coisa, determinada coisa ou mesmo um algo; somos, no mais, um nada rumo, desde a sua origem, ao nada absoluto. O si não ver o outro, o si somente ver o si, dentro

dele mesmo e no interior cada vez mais interior de si mesmo. O si não é a personalidade; muito menos o contexto de sua vivência ou determinado modo de viver. O si é o si, internamente ou mesmo, de modo ilusório, externamente. A questão do si vai se prolongando infinitamente porque, na mesma medida e com a mesma intensidade, o infinito do nada é o nada absoluto do si.

O contexto do si não pode ser, ou melhor, não é a vida em geral, muito menos o mundo tal como nos aparece. Na verdade e em sua verdade, o conceito do si é necessariamente a sua própria solidão de si, si mesmo dentro de sua absoluta imediatidade de ser ele mesmo, ou seja, o si de si dentro de si mesmo. A terribilidade do si é a sua absoluta solidão. O si é o si, sendo o seu campo, o dentro ou o fora. O si continua continuamente a ser o si, para sempre si. O mundo externo para o si aparece a ele apenas como uma “roupagem cotidiana”, ou seja, um tipo de reflexo ou espelho para que o si passe a “tomar” consciência de seu “ser-no-mundo”. Ou seja, de ter, ainda que difícil, capacidade externa de saber, o tempo todo, que o mundo sempre será o seu contorno ou o seu envoltório. Não é o mundo que espelha o si, pois, o mundo é propriamente também o conceito dele mesmo de ser o mundo si de si mesmo. Assim, o si do mundo é propriamente e logicamente o seu próprio fundo de si; um fundo que não espelha jamais nada de externo, mas também é o si, si mesmo de sua imediata relação. O mundo tal como aparece, aparece para ele mesmo da mesma forma e do mesmo conteúdo. Ou seja, o si do mundo é o mundo de si. O conceito universal de mundo é o universo de si mesmo. Porque, “mundo” ou mesmo “universo”, não importa a sua definição, o significado capital desta relação de “mundo” e “si” é propriamente o seu próprio “si mesmo dentro dele mesmo”.

O externo do si do mundo é propriamente o si do mundo de si. Porque a exata definição de “mundo” é logicamente “o si mesmo do si mesmo do mundo, dentro do mundo e em torno do próprio mundo”. Neste sentido, as relações universais de “mundo” ou de “mundaneidade” resulta naquela relação de “universalidade” quando o mesmo “universal” do conceito de “mundo” é logicamente o próprio e sempre o mesmo “mundo”. A história do mundo é o sentido de mundo ou de mundanidade de ser o mundo para ele e somente para ele mesmo. Tal história universal do mundo sempre foi “mundo” porque o “mundo” sempre foi a mesma mesmidade de uma mundaneidade. O sentido mesmo de “história universal” perpassa sob uma lógica “entreaberta” de simetria entre dois pólos opostos - a saber - entre aquilo que foi no dado presente e aquilo que será também no dado presente. Porém, isto, esta determinação não exemplifica ou mesmo explica que o mundo tal como vemos ou tal como nos aparece seria apenas um fundo de Outro que estar o tempo todo à nossa frente. Não. O mundo é o mundo e o si-humano é o si-humano. Poderíamos dizer que o mundo possui um “conteúdo formal”, mas este tipo de “conteúdo” nada mais seria do que o resultado do espelhar o mundo dentro dele mesmo, ou seja, a história universal do “si”, do “si” e do “ser-do-mundo”. O

que resulta dizer que o mundo é uma “autopercepção da autopercepção de si mesmo”. Em uma única palavra, o mundo é uma “autopercepção”. Esta propriocepção do mundo ser mundo é que o próprio mundo evolui na imanência de ser mundo simplesmente e determinadamente para ele mesmo. A sua mesmidade é a relação imediata do seu si de ser si dele mesmo. Então, o mundo é também “propriocepção”.

Como Leibniz (2022) uma vez disse “o mundo possui uma ordem imanente”. Ou seja, o mundo criado este que nós vemos com nossos órgãos sensório-motores é puramente uma relação de ordem orquestrada na ordem produzida por ele mesmo. Assim, o mundo também é “ordem”. Esta “ordem”, segundo o próprio transcurso do mundo, é a ordem de ser o mundo ordem porque o mundo, tal como criado, é a ordem de sua própria ordem. O contexto sensitivo do mundo é a sua ordem e na sua pura iminência de ser “ordem” para ele mesmo. Não há um “outro” para o mundo, nem nós, seres-aí, poderíamos ser um “outro” para o mundo porque o mundo é, na verdade e sua própria verdade, a relação de consigo para consigo. Assim como também o ser-aí é a ordem da relação de ser consigo para consigo.

Para o Sr. Heidegger (2015), o mundo é aberto. Porém, esta tua “abertura” é imanente, ou seja, intrinsecamente correlacionada com a ideia do conceito próprio do mundo - “o de estar-aberto a todas as possibilidades de ser-no-mundo”. Ou seja, o mundo se abre a nós, mas isto não quer dizer que ele sai de sua relação imediata e absoluta de ser para consigo eternamente. Porque a abertura do mundo é, na verdade e em sua realidade, o sentido de seu si que nada mais faz do que nadificar a relação entre “mundo” e “existência”. O Sr. Heidegger estava correto ao dizer “mundo é existência”, contudo, a profunda necessidade de um mundo recai indissolúvelmente na ideia de uma “existência” para nós. Mas, a “existência” propriamente dita é um caso à parte. Porque se, para o Sr. Heidegger, “mundo é existência”; então o si do mundo é o si, reflexivamente falando, da existência. Assim, neste caso, se o mundo é “ordem”, a sua “desordem” é o ser-aí humano. O mundo seria o estado em prolongamento da existência quando, na verdade, a existência é a imagem reflexa e imediata do mundo. Ou seja, ao passo que o si do mundo prolonga o seu próprio existir na pura nadificação de sua origem ou de seu começo, a existência também vai evoluindo na natureza pura do nada. O mundo é “imediato”, a natureza da existência é “reflexa”. Ou seja, todos os “raios” virtuosos e majestosos que refletem a existência é o resultado lógico e, portanto, transcendental do existir nadificado do si do mundo.

“Ver o si no si”. O mundo ver o si no si. O mundo sempre foi o mesmo porque a pura mesmidade de ser ele mesmo é o seu ver o si no si dele mesmo. Todo o sentido do mundo é ser a mesmidade de ser ele mesmo. Porém, é nesta mesmidade que o mundo evolui para mundo de si e o si do mundo evolui para o nada de si absoluto. O contexto do mundo seria a total e absoluta imagem reflexa de seu si. O mundo é o si e o si é mesmidade sempre a mesma do próprio mundo. O mundo é o contexto do si. A lógica do si mundo

é puramente a necessidade de ser o si para ele, dentro dele e em torno dele até que o seu existir nadificado atinja a mesmidade pura de ser também um nada de si no si de nada. O si do mundo é o seu “ser” quando o ser-do-mundo é a necessidade ou o fundamento do mundo ser apenas aquilo que ele é. Logo, a essência do mundo é o si para si mesmo. A externalidade do externo do mundo somente pode ser a projeção mediata e reflexa da pura existência quando esta é o começo e o fim dela mesma porque esta é e sempre foi a mesmidade do mundo. O sentido da existência é o sentido do si do mundo porque a existência é o reflexo do si do mundo. A existência é o lado obscuro e, portanto, nadificante do mundo porque tamanha obscuridade é resultado da funda e profunda vacuidade da nadificação do si do mundo. O si do mundo é a mesmidade extrema quando o mesmo do mundo é o seu si. O si do mundo é tanto o seu interno, como o seu externo. Na sua internalidade mesma, o si do mundo é o nada absoluto e na externalidade mesma, o si do mundo é a existência. A normatividade do mundo sempre foi a mesma porque a ordem sempre foi pura mesmidade. Na ordem de ser o puro mesmo da mesmidade absoluta, o mundo e o seu si já estavam de antemão na sua obscuridade originária. O encontro do mundo com o seu si é o fundamento da mesmidade mesma de ser o mundo sempre e eternamente o seu si. O contexto valorativo do mundo é o valor atribuído à sua pura definição de ser propriamente o mundo e o seu si. Neste sentido, o valor do mundo é necessidade da existência quando esta puramente e logicamente é também a necessidade valorativa do mundo. O mundo ver o si no si porque o mundo, tal como criado, viu o seu si no si. O si do mundo é o valor unitário da mesmidade de ser sempre ele mesmo. O mundo aparece, mas aparece em sua mesmidade de origem porque aquilo que muda o contorno do si do mundo nada mais é do que a existência do infinito do nada. Esta infinitização do nada é propriamente e logicamente a infinitude do “estar e ser-do-mundo” (Heidegger, 2015).

Com este sentido, a lógica do mundo sempre foi a mesma porque a sua mesmidade sempre foi o si do mundo. O si do mundo é o claro e o escuro. Na claridade, o “ser” do mundo estar claro às possibilidades de ser-no-mundo. Na obscuridade, o “ser” do mundo sempre estar na sua pura vacuidade de origem. A necessidade do mundo ser também um nada absoluto é a necessidade do mundo ser realmente e significativamente aquilo que ele é; a sua essencialidade imediata de ser o si sempre mesmo do mundo. Não seria necessariamente uma “ontologia mundana” como o Sr. Heidegger observou, mas uma lógica pura da pura vacuidade da essencialidade do “ser” do mundo. Na claridade de sua relação, o mundo “parece” ilusoriamente se “abrir” e na sua obscuridade de origem, ele “parece” se “fechar”. Porque aquilo que realmente “acontece” não está na claridade, mas em sua obscuridade de origem. O belo “existir” do mundo é a necessidade do momento. A necessidade de ser o mundo é, a todo instante, a necessidade e o momento da existência. A lógica apreensiva do “apreender” o mundo como seres-aí está no fundamento de sua mesma

mesmidade imediatidade. Ou seja, o ser-aí somente alcança o outro, que é o mundo e nunca o seu si, na imediatidade pura de seu começo. O “começar” do mundo para o ser-aí é a mesma mesmidade que sempre foi a imediatidade do mundo. O ser-aí, como signo formal, somente atinge o mundo, ou melhor, toca o mundo não em sua “subjetividade”, mas na verdadeira e imediata imediatidade do mundo. O “subjetivo” do mundo jamais toca o mundo porque o si do mundo estar sempre suspenso entre o seu “ser” e o seu “nada”, evoluindo sempre naquela imanência característica de sua pura vacuidade. O ser-aí seria o *signum* do mundo. O mundo, para o ser-aí, seria a sua pura imediatidade, somente ela na sua pura também mesmidade.

2. A DETERMINAÇÃO DA DETERMINIDADE DO FUNDO DO MUNDO COMO SI MESMO

O conceito externo de mundo aqui não tem a sua validade porque o mundo, em sua pura essência, é “autopercepção”. Isto não quer dizer que o mundo percebe sensitivamente apenas ele mesmo e no em torno dele mesmo, mas que a mesmidade mundana é a relação imediata e sempre imediata de seu “ser” com o seu “nada”. A determinação do mundo é a sua pura mesmidade. Já a projeção do mundo, por outro lado, é a sua pura imediatidade. O valor universal do mundo para o ser-aí está na relação, em suma, de sua originária e imediata imediatidade. O Sr. Heidegger (2015) disse que “o mundo abre para nós”, portanto, ele abre sim somente na sua pura imediatidade de ser um mundo apesar de abstrato por natureza, concreto para nós mundaneamente. O si do mundo é a autopercepção de sua autopercepção. O si do mundo se dissolve nele mesmo. Enquanto que, por outro lado, o si do mundo para o ser-aí se dissolve na sua pura imediatidade. Esta “immediatez” de origem é o “começar” a relação de consigo para consigo do mundo para a relação de consigo para consigo do ser-aí. Aquilo que o ser-aí ver primeiro, ou seja, pela primeira vez, no mundo, é a sua vista ordinária, a sua ordinariedade também de origem e característica. A tomada de posição do ser-aí é a relação de consigo para consigo para a relação de consigo para consigo do mundo. O si do mundo é a projeção de sua pura imediatidade para a imediatidade do ser-aí. Então, neste sentido, o mundo se abre ou se entreabre. Esta relação imanente nunca cessa até que um ser-aí sucumbe.

A aparência do mundo é a sua pura imediatidade (Hegel, 2016). Na aparência para o mundo, o mundo é o seu si mesmo imediato e, ao mesmo tempo, aparente. Assim, a aparência do mundo está na imanência do mundo quando o si do mundo se tingem de pura imediatidade. O fundo do si do ser-aí é mesmo uma mesmidade absolutamente solitária. E o único brilho aparente do ser-aí seria a imediatidade do mundo. A lógica do mundo é a necessidade de sua relação; contrária e ordinária, por natureza. Logo, o tecer do mundo se passa com o tingimento do pincelar do ser-aí quando o mundo também sem o ser mundano é somente a relação do si do mundo para sempre consigo. Logo também, o mundo sem o ser-aí é a vivência

absoluta e eterna de uma solidão vacuosa. Sem o ser-aí, o mundo seria um vácuo. No entanto, mesmo e apesar de sem o ser-aí, o si do mundo continuaria sempre o mesmo na sua eterna e absoluta mesmidade de seu nada puro e absoluto. Logo também, o contraste do mundo é a necessidade transparente da existência do ser-aí. Por que como o mundo seria um outro sem o outro que é o ser-aí? A suposta suspensão do ser-aí para o mundo seria o nada. Logo, o que retrata o ser-aí é o mundo e nunca o mundo retratar o ser-aí porque o si do mundo para o mundo é a absoluta relação dele ser de consigo para consigo. Ou seja, do mundo para o ser-aí, o que há é vacuidade e do ser-aí para o mundo o que há é claridade. O contexto da relação vai dizer qual é o contexto da relação. O tecer do mundo somente pode ser tecido com a imediatidade do ser-aí. É o ser-aí que provoca esta relação valorativa de imanência e de transcendência quando o mundo somente o mundo é a sua pura relação de seu si consigo eternamente.

O limite do mundo é coextensivo ao seu si. O si do mundo é, em sua verdade e em sua realidade, o limite do mundo. Logo, se para a vacuidade tudo é ilimitado, o limite do mundo é um insondável. O limite do mundo seria o seu abismo (Nishida, 2014). Este abismo é o si do mundo em relação de consigo para consigo eternamente e infinitamente. Então, se produz aquilo que chamamos de “o infinito do mundo” porque o si mundo na relação de consigo para consigo sempre e incessantemente e sempre para frente é a evolução vertiginosa e absoluta de seu nada absoluto. Há um liame entre ser-aí e mundo porque ambos foram criados para ser assim. Mas, aquilo que verdadeiramente os une é a imediatidade desta relação entre o si do mundo e o si do ser-aí. A aparência do mundo se dissolve na aparência do ser-aí quando há uma ordem e uma sintonia entre ambos pela imediatidade. O lado obscuro do mundo pelo si do mundo é clareado pelo si do ser-aí na imanência da concretude de sua imediatidade caracterísitica (Nishida, 2014). O ser-aí passa a abrigar a ordinariiedade do mundo mundano em sua primeira acepção ou em seu primeiro contato. O molde que nascerá desta relação é a uniformidade entre imediatidades. Quando o ser-aí, na sua imediatidade característica, toca o mundo, o mundo se entreabre para ele na sua forma mesma de si do mundo, com toda a inteireza de sua imediata imediatidade. A forma de mundo captada pelo ser-aí é a unidade imanente entre imediatidades. O imediato contexto do mundo se entreabre para o contexto da imediatidade do ser-aí. O mundo não é o que provoca esta relação, mas a própria imediatidade do ser-aí. O mundo é mundo; é o si do mundo tão somente na sua relação imanente e interna de consigo para consigo. Já o ser-aí é o que transforma tudo, toda a relação; provocando o mundo a se manifestar, mas, em contrapartida, o si do mundo permanece e sempre permaneceu no seu lugar de origem; a nadidade absoluta do mundo originário. O fundo do mundo é o si do mundo (Keiji, 2023). Este fundo somente penetra toda a superfície nadificante de todo o corpo nadificado. A instância imediata de cuja imediatidade é o corpo do mundo se dissolve no teor abstrativo de sua origem, ou seja, em toda a superfície abstrata que tenha como

corpo todo o estado nadificador. O si do mundo é o seu fundo; fundo este abísmico, inevitavelmente abísmico de cujo conteúdo é apenas a imagem reflexa do si mesmo na relação de consigo para consigo. O corpo abstrato das superfícies abstratas do mundo segue uma ordem abstrata que não contém ou é desprovida de alguma forma ou conteúdo concreto como bem disse Hegel (2016; 2017; 2018) em sua *Lógica*. É ilusório pensar que o mundo é “concreto”, pois, na medida mesma de sua imediatidade, o mundo é necessariamente um “si mesmo”; uma absoluta ipseidade. O mundo provoca a abertura dos laços afetivos com este dado e imediato mundo, porém, aí é o ser-aí que, diante de sua significatividade enquanto um *signum* afeccional e potente retrata o seu mundo pelo corpo imediato da imediatidade do mundo. O ser-aí nunca pode ter acesso ao si do mundo, pois, este “si”, é próprio do mundo, pois ainda, o mundo é propriamente uma propriocepção.

Mesmo que o ser-aí envolva-se com o mundo, ou seja, com a sua imediatidade característica, o mundo sempre estará contido sempre e ainda que em sua nadidade ontológica de ser em essência o mundo. O si do mundo, como dizemos, é o seu fundo e por este abismo se encontra mais uma vez uma nadidade puramente abstrata, pois, diante da evolução abstrata do si do mundo, o mundo aparece para ele mesmo como uma pura vacuidade (Nishida, 2014). Então, neste sentido, “o mundo é, na verdade, um nada” (Keiji, 2023; Nishida, 2014). A aparência do mundo é apenas a vista perceptiva da visão do ser-aí e nada mais que isto. O mundo mesmo é a sua pura mesmidade que sempre foi a mesma, desde que o mundo é mundo. Então, o fundo do mundo sendo o si do mundo, o mundo nos parece como um nada e apenas nada. Não é à toa que os budistas chamam o mundo de “uma grande ilusão”, simplesmente pelo fato realmente de existir este fundo negro e obscuro que, no final, é apenas um abismo que vai dar no infinito do nada, chegando ao seu nada absoluto do mundo. O mundo em si é o começo e o fim de seu próprio si mesmo quando o encontro com o ser-aí nada mais vai produzir apenas uma simples forma aparente de mundo. Mundo é mundo, para o ser-aí. Mundo é Nada para o mundo. Não há uma ordem no mundo como propriamente o ser-aí vê. A única ordem ou a única aparência de um mundo ordenado é a vista aparente e, portanto, perceptiva do ser-aí que ver no mundo o seu habitat natural de relação. Toda a relação com o mundo das coisas, o ser-aí projeta no mundo e o que o mundo faz? Continua a se interiorizar continuamente e sem cessar, dentro de seu núcleo nadificador do infinito do nada. Outra coisa que também é muito aparente é o que se costuma chamar como “desordem”. Quem faz a desordem no mundo é propriamente e logicamente o ser-aí que, no contato com a imediatidade do mundo, desperta, no mundo, uma desordem sem tamanho e destruidora. A força do si do mundo, ainda que, é capaz de conter, por alguns momentos, esta estrutura potencialmente destrutiva da desordem do ser-aí, no entanto, o mundo, mesmo diante de seu estado nadificador de seu si do mundo, ainda assim, pode vir a sucumbir necessariamente e conseqüentemente, devido ao ser-aí que, ao

provocar o mundo como ele aparece para ele, faz diluir o corpo material do mundo, a sua crosta terrestre, mesmo que o si do mundo esteja, ainda que, infinitamente mais desenvolvido que o ser-aí.

O único elemento que não sofre a terrível acerbidade e destrutibilidade da ação tenebrosa do ser-aí humano é o fundo do mundo que se liga indissociavelmente ao si do mundo, pois, este “si” do mundo é o alimento bem como a substância do fundo do mundo. Merleau-Ponty fala da “carne do mundo”, porém, esta “carne” nada mais é do que a cama corruptiva do corpo orgânico do mundo que sempre e continuamente estar rompendo a sua camada de seu lado absolutamente material. Mesmo com o fundo do mundo, o mundo possui, de toda medida, um “organismo” próprio que o faz “respirar”, pela sua carne, o ar da sua própria atmosfera. Sendo assim, o si do mundo projeta no infinito do mundo e através de seu “organismo vivo e vivificador” as ações ou os atos perceptivos do ser-aí, contudo, sem se relacionar ou mesmo corromper o fundo do mundo. Neste sentido, o mundo tem uma ipseidade absoluta e imediata. Esta ipseidade é o si do mundo que nunca estar em ligação com o ser-aí das coisas ou do próprio ser-aí, pois, como dizemos, “mundo é mundo” e, para o próprio mundo, o mundo é uma “autopercepção”; sempre recorrente, indivisa e sem relação com algo externo. A única externalidade do externo do mundo é o seu fora, pois, este fora é aquilo que apenas não estar dentro do próprio mundo. Portanto, nesta medida, o mundo se relaciona consigo mesmo sempre para frente assim como o espírito ascende sempre para frente. A sintonia do mundo é apenas a sintonia do mundo consigo mesmo, ou seja, é o si do mundo. O fundo, que fica em suas profundezas abísmicas, seria o núcleo ou a fonte primordial do infinito do nada do mundo, pois, toda a relação externa apenas se dá em relação ou em correspondência com o ser-aí (Keiji, 2023). Assim, não é o mundo que se relaciona com o ser-aí, mas sempre o ser-aí que se relaciona com o mundo. Como se vê, o mundo é apenas a sua autopercepção e, mais do que isto, não há o que dizer. O coração do mundo é o seu fundo. E a sua carne é a sua imediatidade. Pois, o universo sendo uma casca, o imediato do mundo é a sua superfície. O mundo somente vê o seu si no si e a visão é muito clara e transparente, pois, o olho do espírito do mundo é apenas o seu dentro, ou seja, o seu si. Quando este mundo aparece para o ser-aí como uma espécie de organismo vivo, o mundo não apareceu para ele como é de se costuma pensar. Muito pelo contrário, a necessidade do mundo é apenas o seu interior de nada e de si. Quando o mundo, então, se abre para o ser-aí, aquele que provoca esta “abertura” é o próprio ser-aí que não ver nada além mais do que o mundo para viver. Portanto, a vivência do mundo é apenas o seu si, ou seja, o seu fundo. Já para a vivência ou a real vivência para o ser-aí é apenas o mundo a toda a relação que daí brota e passa a brotar continuamente.

A mundaneidade que aí aparece desta relação é apenas o encontro do ser-aí com a imediatidade do mundo. É como se o edifício do mundo aparecesse para o ser-aí como forma de sustentar a sua origem ou

o seu estado originário de ser-aí. Assim, o contexto do mundo é esta relação propriamente dita porque o si do mundo não tem nenhuma relação com o modo de vida do ser-aí. O ser-aí vive a relação com o mundo, mas o mundo continua sempre e eternamente na relação de consigo para consigo. Então, se caso o mundo possua uma “estrutura”, esta estrutura é propriamente a estrutura do ser-aí que significa o mundo como *signum*. Então, se o mundo possui também uma “superfície”, é o ser-aí a única causa primária deste seu aparecimento: a carne do mundo. O si do mundo não é carne, mas apenas abstração; abstração do infinito do nada. A instância do ser-aí é, em toda medida, contemplar o mundo, toda em sua volta, porém, por outro lado, a instância do mundo é, propriamente e logicamente falando, a sua autocontemplação absoluta, pois, o mundo é o seu si sempre e eternamente. Isto quer dizer que o si do mundo não tem nenhuma relação com o ser-aí, mesmo que o ser-aí o contemple com olhos e espírito absolutos e também imediatos. Pois, a força do mundo é apenas a sua autocontemplação, ou seja, ver o si no si, na relação de consigo para consigo. A estrutura forte do mundo é o seu si que evolui na própria ordem de sua constituição originária. O si do mundo é tanto o seu começo como o seu fim. O tecido do mundo é a sua carne. A origem do mundo é o seu si. Si que está e é a ligação do si no si e com o si. O mundo se abre na ilusão de ser mundo quando a única realidade vivente é o seu si. Si mesmo é o mundo que na mesmidade de ser mundo nunca volta atrás. O si do mundo é tanto o seu passado, como o seu presente e o seu futuro. Não há uma cauda retencional, nem há uma flecha prospectiva. O si do mundo é apenas a sua imediatidade de seu presente imediato. O presente do mundo é apenas o seu si (Nishida, 2014). Se o si do mundo não fosse si, o mundo não deveria sobreviver dentro de sua própria interioridade. Não há laços no mundo, nem correntes ou cadeias. O que há é apenas o interior, ou seja, o núcleo do si do mundo que absorve apenas de seu si, ou seja, de si mesmo, de sua ipseidade, apenas o fato do mundo ser mundo, somente para ele e somente dentro dele.

O reflexo do mundo é o reflexo do si (2014). O mundo é mundo, mas apenas com o si. O si do mundo é o caminho para o seu fundo e, no fundo, o mundo é apenas nada absoluto. Em contrapartida, quando se fala em “imediatidade” se fala apenas do imediato que o mundo é para o ser-aí na utopia de pensar que o mundo é a sua aparição absoluta e imediata para nós. Também, a sensibilidade do mundo é o seu si, pois, na medida do possível, o mundo percebe a ele mesmo quando o seu si é, de todo modo, a sua absoluta autopercepção. Portanto, o caminho do seu si é o seu fundo, fundo que não se move, mesmo que pareça se mover. É a mesma mesmidade movente que move apenas o si no si e dentro do si.

O “ver o si no si” é o postulado da Escola de Kyoto que observa, na filosofia hegeliana, a profusão de seu legado. O mundo é necessariamente um si absoluto onde o imediato não tem vez para o próprio mundo. O si do mundo é o seu interior, jamais o interior pode se entreabrir já que o mundo é mundo tal como ele é em essência, ou seja, nada. O mundo é o nada do mundo; a difícil relação de tentar se sintonizar

de alguma forma com o ser-aí quando a ordem universal é apenas deixar o mundo se interiorizar no interior de si mesmo. Para o ser-aí, o mundo pode ser um contexto de aparição, mas, para o próprio mundo, o mundo é apenas nada. A relação de consigo para consigo faz do mundo apenas um mundo dentro apenas de seu si. Para Nishida (2014), “para Hegel, a vida é a forma imediata da ideia”. Ou seja, a ideia de mundo é a forma imediata da vida somente para o ser-aí. A vida, em seu substrato, é o equilíbrio entre ser e nada, nada e ser. A contemplação da vida ordinária está ao alcance apenas do ser-aí que ver, apenas na aparência da ideia do mundo, a ideia da luz que ilumina o vazio existencial de sua própria constituição. O caminho de luz do ser-aí é a clareira do mundo, ou seja, a chama que brilha de sua constituição imediata. O contexto, que é o mundo para o ser-aí, se abre na divisão do mundo entre de um lado, a sua aparente concretude e, de outro, a sua aparente imediatez. Então, o mundo, para o ser-aí, não é nada mais que o imediato, a relação imediata da ideia do mundo na ideia imediata da vida. Se eu tenho vida é porque nasceu em mim a ideia da vida. Portanto, o sentido de existência para o ser-aí é medido pela sua ideia de mundo, sendo o mundo, apenas, para ele, uma relação imediata. Eu tenho a vida ao mesmo tempo em que eu tenho a ideia da vida em mim. O mundo da vida é também um si já que o si do mundo é também o si do mundo da vida.

A aparência do mundo da vida é a forma imediata, mas abstrata da ideia quando o si do mundo é a ideia da mesmidade mesma do infinito do nada (Hegel, 2016; Nishida, 2014). Como o Sr. Hegel (2016) sempre exemplificou “não há nada na Terra que não contenha ambos “ser” e “nada”. Então, a ideia da forma imediata da vida é a ideia do si mundo porque propriamente o si do mundo é nada mais do que a ideia do mundo da vida. O nada absoluto do mundo vem ao encontro somente da vida e não do mundo da vida, pois, a relação entre “vida” e “mundo” é inevitável. Portanto, a ideia da vida para o mundo é a forma imediata da ideia do si do mundo porque toda a relação no mundo se presta, apenas dentro dele, do nada absoluto que é o mundo. Assim, a aparência do mundo é apenas e exclusivamente o seu lado imediato ou superficial quando o ser-aí somente tem acesso ao mundo através deste imediato ou da pura imediatidade de origem. Logo, toda a relação que se trava no mundo é da ordem de um ente mundano que estar de alguma forma contido no mundo. Não pode haver ruptura entre ser-aí e mundo porque o mundo sempre foi o si de si mesmo. Então, a mesmidade mesma que é começo e fim do si do mundo caminha em direção apenas à sua nadificação, pois, o oposto não pode ser uma realidade já que o imediato do ser-aí apenas pode tocar a pura imediatidade do mundo e jamais o si do mundo. Assim, a estrutura do mundo pode vim a se romper e corromper devido ao problema do ser-aí em sempre questionar o mundo sempre em prol de sua existência e sobrevivência. Então, a universalidade do problema do si do mundo é apenas problema do mundo porque o mundo sempre foi o mesmo sempre para o mesmo. A sua mesmidade está tanto no começo como em seu fim. Pois, o si do mundo, diante de sua mesmidade absoluta, nunca perecerá, pois, o seu caminho, como já

conhecemos, é o infinito do mundo. A contemplação do infinito por parte do mundo é, como vimos, a sua autocontemplação absoluta, ou seja, de ver sempre e eternamente o si no si. O mundo terreno somente tem sentido para o ser-aí mundano que, sendo homem e humano, ou seja, portanto, mundano, somente ele tem a capacidade de dar sentido à sua própria existência no mundo quando, por outro lado, o si do mundo é apenas si no si e nada mais. Acontece que se o si do mundo caminha rumo ao infinito do nada, o ser-aí humano também tem esta predestinação, pois, como dizemos antes, “caminhamos rumo ao tudo quando nos resta apenas o nada”.

Para nós, seres-aí, é difícil pensar que, qualquer que seja a nossa atitude diante do mundo, sempre cairemos, lá na frente, ao encontro do nada, pois, em toda a medida, sempre estamos caminhando, agora mesmo, rumo a ele. A forma aparente da ideia da forma imediata da vida conduz o ser-aí ao seu dilema existencial - a saber- “com que fim existo”? “Se para este mundo, eu sou aqui assim, para o quê mais eu existo? Esta nostalgia do ser-aí é, na verdade, o questionamento do “para quê existimos? E o único caminho que o ser-aí humano encontra é: viver! Então, a necessidade do ser-aí é estar em convivência com os demais entes à sua volta quando o mundo, na transparência de sua imediatidade, apenas observa de muito longe os acontecimentos das vidas de todos os entes. Portanto, o “para quê fim existo” é “o que é que estou fazendo aqui?”. A difícil e imperiosa questão do ser-aí é esta - “como sobreviver em meio a este mundo que já foi me dado de antemão?” Então, a ideia da forma imediata do mundo é esta - “colocar em destaque a mundaneidade de um mundo que está sofrendo os efeitos de sua própria ipseidade quando o mundo é somente a causa e o efeito de si mesmo. Segundo Nishida, o “presente toca o nada absoluto”; o que quer dizer que a única instância que o si do mundo, na sua ipseidade absoluta, é a instância do presente. Porque quando o presente é sempre e eternamente novo, nova é também a evolução do si do mundo que, envolvida pela instância presente imediata, evolui interiormente rumo à infinitização de seu nada. Assim, o nada absoluto nada mais seria do que a última e primordial instância do presente do fundo do mundo que, no seu carácter nadificador, nadifica ou faz neutralizar cada vez mais a sua pura vacuidade que lhe é inerente. Então e em suma, o fundo do mundo é o fundo de tudo que é mundano quando a sua profundidade é o abismo do nada rumo ao destino do nada absoluto.

3. DEFINIÇÃO DO CARÁCTER DO SI DO MUNDO ENQUANTO VACUIDADE PURA

Segundo Kitarô Nishida (2014), “o indivíduo é o ponto de autoprojeção do absoluto”. Ou seja, a individualidade de um indivíduo é ao mesmo tempo o seu si mesmo sendo este si mesmo a ponte com o absoluto. O Absoluto, que seria Deus, é a unidade absoluta do ponto de encontro com o nada absoluto do mundo. O si do mundo passa a não ser agora apenas autopercepção, mas autoprojeção. Porque de tanto o

si do mundo se autoperceber, é dado o momento do fundo do mundo, ou seja, o seu nada absoluto, passar a ser uma grande realidade para a *Existenz*. Neste sentido, na autoprojeção também absoluta, o nada absoluto do mundo passa a estar contido em cada indivíduo, pois, agora, não é mais hora de constrição, ou seja, de conter tudo em apenas um invólucro, mas é dado o momento de soltar, ou seja, de passar a permear todos os indivíduos com a sua nadidade absoluta. Então, é neste momento, que o si do mundo não mais se autopercebendo, autoprojeta-se para estes indivíduos na difícil tarefa de preencher com a sua vacuidade absoluta o também vazio dos cantos e pontos da existência. Com isto, a existência adquire um novo sentido. Ou seja, a existência seria o seu próprio sentido na relação com o nada absoluto do mundo. Então, o si do mundo projeta os seus tentáculos para todos os pontos e medidas vacuosas da existência, preenchendo este nada também de vazio porque aquilo que cabe à existência é apenas o vazio, e o vazio absoluto. Estamos agora de frente para a mesmidade pura mesma da pura vacuidade, pois, é ela, agora, a senhora do destino. As coisas, então, diante de sua peculiaridade de ser “coisa”, passa a adquirir o estatuto de coisidade e, então, o fenômeno da vida em geral passa a ser preenchido por esta vacuidade que lhe é inerente e natural. Assim, a ordem do mundo, propriamente agora do próprio mundo, passa a contemplar a harmonia preestabelecida, como aquela que relembra os escritos do filósofo Leibniz. Uma harmonia preestabelecida que se encontrava em estado latente quando da autopercepção do si do mundo rumo ao infinito de seu nada absoluto, ou seja, rumo ao infinito de seu fundo originário. A autocontemplação do si do mundo agora é para em direção à sua autoprojeção porque os pontos das coisas do mundo precisariam, em algum momento, serem preenchidas com aquele vácuo de origem. Então, diante de seu nada absoluto, o si do mundo autoprojeta-se e, nesta contemplação sua própria, insere um modo de viver também vacuoso ao designar as coisas do mundo e vê-las inicialmente e primordialmente como fenômenos. Neste sentido, o substrato das coisas possivelmente efêmeras adquire também a sua vacuidade de origem, pois, o nada absoluto agora está em todo tipo de imediatidade possível; ou seja; este nada absoluto agora consegue ser “imediato por excelência”, pois, na autoprojeção do si do mundo, este nada absoluto é o tudo e em tudo está. Então, o infinito do nada se presta a servir também às coisas, a remodelá-las, a atribuir o sentido de existência que lhe é próprio. Então, o universo passa a ser contido, de um modo total, pela esta harmonia preestabelecida e o vácuo ou a grande ação de vacuidade passa a contemplar tudo e todos.

Nesta sua ação, os pontos vazios dos fenômenos das coisas passam a ser preenchidos de mais vazio porque, como os budistas afirmam, “tudo aquilo que vemos é apenas vazio, um belo e majestoso acúmulo de vazio”. Então, o si do mundo ao se autoprojetar projeta-se nos fenômenos das coisas primeiro substanciais e, então, a poeira com que é contida as coisas se espriam em todos os seus pontos, derramando um lustre teor de vacuidade. O nada absoluto, portanto, mostra todo o seu poder e o si do mundo à medida

que vacuoliza todos os fenômenos das coisas, derrama ao mesmo tempo a sua pura vacuidade, derramando também a mesmidade própria que é sua de origem. Então, diante do infinito do nada, as coisas passam a ser infinitizadas nadificamente, ou melhor, vacuosidadamente porque, em um tempo anterior, as coisas eram apenas “coisas soltas”, sem o conteúdo vacuoso que lhe é natural. Sendo assim, as coisas adquirem um tecido vacuoso que já lhe era próprio ter e, então, a harmonia preestabelecida da natureza de todas as coisas começa também a adquirir o tecido abstrato e natural que sempre foi seu. Então, a vacuidade do si do mundo pelo nada absoluto passa a permear como um véu invisível a determinidade das coisas e, então, por este “véu vacuoso”, as coisas de todos os tipos passa a ter uma determinação - “a de ser propriamente uma coisa”. O si do mundo, na sua absoluta ipseidade e, por outro lado, pelo campo entreaberto de sua imediata imediatidade, liga os pontos vacuosos às coisas do mundo e, só desta forma, a superfície abstrata da ideia imediata das coisas vai ganhando uma indicialidade de concretude. Ou seja, o corpo abstrato natural das coisas passa a se determinar pelos pontos vacuosos disseminados pelo si do mundo. A sucinta abertura de mundo começa a acontecer já desde aqui ao mesmo tempo em que as coisas vão tomando a forma da pura vacuidade do nada absoluto do mundo. É, portanto, a partir daqui, desta disseminação e profusão de pontos vacuosos no meio da natureza que cada coisa, em seu teor elementar, vai adquirindo forma e um conteúdo de si mesmo, ou seja, de ipseidade. Então, o caminho rumo ao infinito nas coisas imediatas é, pela primeira vez, aberto para que o núcleo egocêntrico ou de ipseidade de cada coisa possa, mais uma vez, se redespertar. O componente tecidual das formas imediatas das coisas do mundo tem o molde da pura vacuidade dos pontos vacuosos produzidos pelo si do mundo. O si do mundo sendo si e somente si produz mesmo tais “pontos” nebulosos que contornam a extraordinariedade dos fenômenos das coisas. E, assim, preenchidas as coisas com os pontos vacuosos, sendo efeito da autoprojeção do si do mundo, os próprios fenômenos das coisas vão tomando uma suavidade e, conseqüentemente, uma harmonia preestabelecida, pois, cada coisa inscrita no mundo criado possui o seu teor singular de uma porção de nebulosidade ou de vacuidade. Assim, o contexto do mundo passa a se concretizar de modo sinuoso e paulatino, ou melhor, silencioso porque, é no silêncio absoluto da solidão das coisas efêmeras, que os pontos vacuosos mais as permeiam. Então, o fluxo da ordem do mundo preestabelecida começa a se reunir harmoniosamente em cada efeito do acúmulo de vacuidade das coisas. O mundo, então, através de seu si, escava as profundezas das coisas efêmeras que, com os pontos seus vacuosos de origem, vai autoprojetando o si mesmo do mundo a composição da efemeridade das coisas efêmeras. Portanto, sendo assim, todo o superficial advém do profundo e é deste “profundo” que a vida como toda ou como um Todo, vem à tona. Então, a ordem do mundo vai tomando um teor de uniformidade. Ao passo que as coisas vão tomando forma pelo vácuo lhes atribuído, vai despertando nas próprias coisas a ipseidade delas que é própria do mundo terreno. Então, é

pelo mundo também, ou melhor, é pelo si do mundo ou a sua ipseidade que, na distribuição da vacuidade do nada absoluto do mundo, as coisas efêmeras começam a também formar a sua ipseidade natural.

Ver o si no si: é esta a forma imanente do mundo. Ver o si no si. Vendo o si no si, agora em diante, o si do mundo autoprojeta-se com seus tentáculos de vácuo, alimentando o que tem que alimentar pelo substrato subterrâneo das coisas. O limite desta retroalimentação é o fundo do mundo que, ao alimentar com seus tentáculos vacuosos as coisas, também é alimentado, o mundo, dos caracteres abstratos destas coisas. O caminho rumo ao infinito do nada, então, novamente, se entreabre quando as coisas, diante de seu fenômeno característico, abre também o seu interior para receber toda a energia vacuosa do nada absoluto do fundo do mundo. O mundo vendo o seu si no si de si mesmo autoprojeta-se nas coisas efêmeras para que o tempo, senhor do instante, possa apaziguá-las diante o abismo do nada. Então, a força imperiosa do nada desperta também nas coisas, pela mesmidade de sua obscuridade ou nebulosidade, o lume coerente a cada coisa inscrita no mundo. Porque quando os pontos vacuosos completam o processo de retroalimentação, o fenômeno das coisas toma o seu caminho do nada rumo a uma existência ainda desconhecida para a coisa. O si do mundo ao passo que se interioriza cada vez mais para dentro do fundo do mundo, o grande organismo do mundo expelle todo o seu acúmulo vacuoso nas coisas efêmeras do mundo e, então, o tempo, em um instante exato e meticuloso, faz ou ajuda a passar a energia vacuosa dos instantes preenchidos de pura vacuidade (Keiji, 2023; Nishida, 2014). Assim, o ato do si mundo desperta na coisa o seu modo de existência autêntico mesmo na pura vacuosidade sua que lhe é de origem. Então, toda a relação entre as coisas efêmeras da vida na forma imediata de sua ideia de vida começa a conter aquela harmonia preestabelecida e, então, por fim, a vivacidade originada da pura vacuidade lançada às coisas pelo fundo do mundo ou nada absoluto passa a constituir as coisas como doce encanto de uma primavera. As coisas, então, no tom e no teor abstrato de sua composição completamente vacuosa, abre caminho para o encanto da vida, contido, ainda assim, no paradoxo inevitável entre o ser imediato da coisa e a vacuidade imanente do nada. Então, mais uma vez, o infinito do nada passa a se espriar em toda a atmosfera do mundo natural das coisas, não cessando o processo de autoprojeção do si do mundo que, agora, participa, junto às coisas efêmeras, desta vivacidade sua que lhe é já inerente. O mundo, então, já seria de antemão um puro e nebuloso abísmico fundo, mas, agora, é o fundo das coisas o projeto de autoprojeção do si do mundo.

Se Nishida (2014) diz que “o indivíduo é o ponto de autoprojeção do Absoluto”, é claro, agora, para nós, dizer que, sendo cada coisa um indivíduo que se constituiu com a autoprojeção do si do mundo, então, agora torna-se possível que cada coisa, dentro de sua individualidade de origem, passe a conter, dentro dela, ou seja, com a sua peculiar ipseidade, uma pequena chispa do Absoluto. Porque, diante da autonomia de

cada coisa como indivíduo presente, o mundo passa agora a testemunhar, pelo seu próprio si, o si das coisas efêmeras ou passageiras. Portanto, cada coisa como indivíduo passa a se transformar realmente e em realidade imediata o ponto de projeção do Absoluto. Não ainda que cada coisa possuirá uma existência sabiamente absoluta, mas que, diante do processo aqui em curso, a coisa como indivíduo passará a despertar também no si do mundo aquela harmonia que agora já foi estabelecida. Então, cada coisa somente como indivíduo, diante de sua ipseidade imediata, passa a ser o ponto de autoprojeção de cada também indivíduo inscrito no mundo. Por isso que falamos desta harmonia preestabelecida que é crucial para que a existência tome exatamente uma ordem e uma composição coerente ao si do mundo. Quando o si do mundo ainda estava em seu processo de autopercepção absoluta e constante, as coisas que pertencem ao mundo ainda eram inexistentes ou meio vagas e absolutamente sem sentido na existência. Porque, como vimos, as coisas ainda eram como que bolhas no ar soltas ao bel prazer de um destino, sem uma destinação própria e evidente. Neste tempo, as coisas poderiam aparecer na superfície do mundo, mas eram absolutamente soltas e sem conteúdo, por isso é que, desde já, o si do mundo precisaria se conter em sua autopercepção absoluta, pois, o caminho rumo à nadificação das coisas, a esta época, ainda era muito distante.

Agora, não, o contato do si do mundo não é mais absolutamente um campo fechado, mas, com o seu processo de autopercepção constituído, faltava ao si do mundo projetar-se para o mundo, para que o próprio o mundo, lá na fora, pudesse ver a constituição das próprias coisas efêmeras do mundo da vida. Então, a forma aparente da ideia do mundo, com a sua autopercepção concluída, passou, com a sua autoprojeção, repousar nas coisas do mundo para que estas pudessem também despertar a sua ipseidade imediata. Quando o si do mundo se autopercebia absolutamente e eternamente, as coisas estando soltas não podiam fazer parte ainda do próprio mundo, então, na grande solidão terrificante do si do mundo, as coisas ainda não eram coisas propriamente ditas e em essência. Só quando o si do mundo, diante de sua também ipseidade, conclui o processo de autopercepção, aí sim, o si do mundo começando a se autoprojetar-se, as coisas, como se disse, passam a ser permeadas com a vacuidade do fundo do mundo de cujo acúmulo intenso e vacuoso já estava bem interiorizado e profundo. Portanto, estando o infinito do nada no fundo do mundo e tendo um intenso e profundo acúmulo de intensa e profunda vacuidade, eis que é hora do si do mundo se autoprojetar-se na atmosfera. Teria que, uma hora ou outra, que o mundo se transformar ordinariamente em mundo para que a existência tome o seu destino de ser uma existência. Então, é chegada a hora do mundo se autoprojetar; de lançar os tentáculos de seu si do mundo para que as coisas criadas possam também ter a oportunidade de existirem na atmosfera. Então, o mundo se lança nas coisas partindo-se do acúmulo de vacuosidade originada de seu fundo na autopercepção absoluta. Assim, na sua autoprojeção de mundo, o mundo não chega a tocar as formas imediatas das coisas da vida ordinária, mas,

pela névoa de vácuo, faz-as despertar de seu sono profundo. Para o mundo e também para a sua ipseidade, as coisas tomadas por um destino, estão somente claras agora, pois, na autopercepção do mundo, tudo estava isento de visão e percepção, pois, o mundo era apenas o seu si e o seu fundo. Pois, a ideia do mundo era apenas a forma, para ele, imediata do si, ou seja, a mesma mesmidade originária desde a sua constituição. Então, a aparência do mundo na forma de manifestação é agora o momento seu, de seu si, da autoprojeção. Antes das coisas aparecerem com a vacuidade do fundo do mundo, o mundo era apenas um grande indivíduo dentro somente de sua ipseidade. Então, as coisas, por elas próprias, ainda não conheciam o mundo e nem o mundo teria consciência da existência delas. Ao se autoperceber, o mundo formaria a sua essência de mundo com o processo de nadificação do seu si. Portanto e normalmente, a existência só conheceria a existência quando o si do mundo completasse o seu estatuto de ser mundo na nadificação de si mesmo ao preencher o seu fundo com aquela pura vacuosidade. Ou seja, na autodeterminação de si mesmo, o mundo passa a dar corpo ao seu nada absoluto no momento em que a existência era apenas uma forma vazia. Dar corpo ao nada: esta seria a tarefa inicial do si do mundo (Keiji, 2023; Nishida, 2014).

O si do mundo toca, mais uma vez, o nada absoluto e, ao tocar, desperta a vacuosidade que já lhe é inerente. O momento do si do mundo é o presente eterno e, em sua autoprojeção absoluta, o momento do si do mundo é o presente imediato. Na eternidade do infinito do nada, o mundo é a mesmidade mesma da pura vacuidade, ou seja, o momento eterno de sua própria vacuolização. Ao se projetar para as coisas, lançando os seus tentáculos de vacuosidade, o si do mundo passa a ser também a autopercepção das coisas momentâneas e efêmeras quando o si das coisas recebe a chispa de vacuosidade no presente imediato. No nada absoluto, o si do mundo vive de eternidade em eternidade e jamais conheceu a imediata imediatidade das coisas efêmeras daqui de baixo. No nada absoluto ainda, a transformação do ser eterno do mundo é a própria eternidade do infinito do nada que continua na mesma mesmidade de origem. Assim, o ponto inicial de autoprojeção do si do mundo é quando a sua pura vacuidade penetra o substrato das coisas efêmeras e aí sim as coisas efêmeras são tonalizadas pela vacuidade própria do fundo do mundo. Assim e somente assim, a necessidade vital do si do mundo é, mais uma vez, permeada pela vitalidade de sua própria vacuidade porque, no fundo do mundo, o seu único impulso vital de origem sempre foi e eternamente é a mesma mesmidade de sua ipseidade. Então, no presente eterno, com a infinitização do nada do si do mundo, o nada absoluto vem à tona. Segundo Nishida, “o presente é ao mesmo tempo a autodeterminação do agora eternamente novo e o despertar a si do verdadeiro nada”. “Nada” e “tempo” são duas sintonias, ou seja, duas coisas completamente semelhantes porque nem o nada consegue existir sem o tempo, nem o tempo consegue existir sem o nada. O nada do tempo é o tempo absoluto e o tempo do nada é o nada absoluto. É por isso que, na eternidade infinita do nada, o presente eterno toca o nada absoluto, conforme acredita

Nishida. As coisas só passam a se tornar corpo quando o tempo e o nada se autoprojetam porque a imanência do ser do tempo é, em sua realidade absoluta, a existência do nada. Nishida ainda diz que “quando as coisas se tornam corpo em nós, temos o corpo nas coisas”. Ou seja, é somente com a autoprojeção do si do mundo tomando como reflexo absoluto o seu fundo que as coisas se tornam corpo em nós para que possamos ter, enfim, corpo nas coisas. Ou seja, as coisas somente nos tocam porque há o meu corpo nas coisas.

Assim, a autodoação das coisas é promessa também do fundo do mundo porque o mundo, com o seu si e em sua autoprojeção, ao doar a forma aparente da ideia de vacuidade para as coisas; dizemos que é somente assim que as próprias coisas passam a ter corpo em nós. O ser-aí, nesta dimensão toda, já alcançou a sua pura imediatidade, mas, na etapa da autopercepção do si do mundo, o ser-aí ficou suspenso entre ser e nada e muito mais nada, pois, a sua visão sensitiva não podia ser transcendente ao ponto de ver, no mundo criado, um nada absoluto. Somente com a clara autoprojeção do si do mundo que o fundo do mundo passa a se tornar uma clareira para o ser-aí no momento mesmo em que da eternidade se passa à imediatidade, ou seja, quando o si do mundo volta a sua atenção para o lugar finito e efêmero da existência. Com este sentido, o conceito do contexto do mundo se entreabriu, oferecendo às coisas a necessidade vital de sua própria nadificação. O nada absoluto, então, do fundo do mundo, toma novamente o si do mundo para que as coisas efêmeras sejam tomadas por uma eternidade de tempo imediata. Então, a aparência do mundo é, pela primeira vez, despertada na imediatidade de sua origem, possibilitando a entrada das coisas efêmeras no mundo. Para o Mestre Eckhart (2024), “o nada absoluto é um deserto sem coisa alguma” onde a única coisa que pode ser percebida é a presença do nada de Deus. Nesta visão, o nada absoluto seria Deus presente, embora absolutamente oculto. O mesmo se pode dizer do nada absoluto do fundo do mundo quando este era apenas a sua mesmidade mesma de seu si mesmo. O seu si mesmo original é o fundo do mundo que se costuma chamar de uma autopercepção absoluta. O mundo, então, se percebe a si mesmo para que, ele mesmo, possa atingir a glória eterna de seu nada - o nada absoluto. O si do mundo é, então, a forma aparente abstrata do fundo do mundo que não encontra uma saída para si mesmo a não ser ser o próprio mundo de nada. Ou seja, de ser apenas a sua autopercepção da autopercepção. Entre o pólo transcendental do nada e o pólo imanente do ser está o si do mundo cuja entrada no mundo da vida se dar apenas na sua autoprojeção. Segundo Nishida, as coisas não podem ser independentes da nulidade ou da vacuidade porque, segundo a tradição da Escola de Kyoto, o nada impera em tudo, em todo o fenômeno da vida, muito mais, a do ser-aí humano. Isto porque, ainda para Nishida (2014), as coisas somente são reais originalmente em sua irre realidade (vacuidade). Sendo assim, o caráter de nulidade todas as coisas o possuem simplesmente porque tais coisas são originadas ou advêm do substrato do fundo do mundo que é o nada absoluto. Cada coisa presente no mundo é para o ser-aí superficial porque foi de antemão profunda, obscura e nebulosa. Portanto,

é da vacuidade que aparecem todos os fenômenos da vida que, por parecerem “irreais” são tão reais quanto a existência absoluta. O nada absoluto é a representação do nada de Deus de onde a cuja vacuidade o si do mundo absorve. No momento de autoprojeção no mundo, o si do mundo transforma as coisas soltas em coisas efêmeras dadas da natureza. A mestria de composição é muito sintonizada, pois, aquela harmonia preestabelecida do mundo recai novamente sobre as coisas, tornando-as agora livres, brilhantes, belas e soltas. A universalidade do mundo, então, é tornada a agora se manifestar dada a autoprojeção do si do mundo. A forma imediata da ideia do mundo retoma o seu curso de autoprojeção incessantemente até que os fenômenos das coisas possibilitem a sua dada existência. De agora em diante, o mundo pode agora sofrer, por ele mesmo, a sua autodeterminação característica e singular de mundo, pois, o mundo, agora, autopercebido e autoprojetado, pode alcançar todas as coisas efêmeras do mundo terreno. Então, o corpo do mundo é mais uma vez reconstituído, possibilitando o acesso das coisas ao seu organismo mundano. Então, por ventura, a natureza das coisas passa a inicialmente a sofrer o dilúvio do sofrimento existencial por ser apenas uma dada e autodeterminada coisa no mundo. A ideia abstrata de sofrimento toma as coisas efêmeras porque até o tempo sofre os efeitos e as causas do nada absoluto quando, no mundo, agora, o que constitui a sua aparência é a corrosão de toda a sua cama subterrânea através da efemeridade das coisas. O mundo, então, abstrato profundamente e totalmente que era por natureza, se efemeraliza; toma um ar de finito e passa, então, agora, a absorver a finalização das coisas temporárias. Então, a graça do mundo é a efemeridade do passar do tempo no subterrâneo das coisas do mundo da vida. A aparência do mundo é cristalizada pelo perecer vertiginoso das coisas mundanas e finitas e o nada absoluto permanecendo em seu alento vital de pura vacuidade. O mundo, então, mais uma vez, passa a tomar um ar de perenidade, pois, as coisas, agora, tomam um outro rumo - o da perecibilidade. As coisas efêmeras, mesmo diante de sua nulidade como coisa vazia, é tonalizada com o teor de concretude da passagem brusca e inevitável da efemeridade da vida. Portanto, o si do mundo, através de seus pontos que foram autoprojetados, forma, na coisa, a solidão terrificante de seu próprio nada quando a aparência do mundo resolve, mais uma vez, testemunhar a própria nulidade de sua vida efêmera, absolutamente passageira e cristalizada por toda aquela vacuidade que lhes é inerente.

Nishitani Keiji (2023) argumenta em sua obra “A religião e o nada” que “na vacuidade, as coisas vivem a descansar em seu fundamento originário”. Ou seja, isto quer dizer que o paradoxo do nada é inevitável para a existência porque é a nulidade do contrário entre “ser” e “nada” que vai possibilitar a entrada do si mesmo original do mundo na dada existência. Portanto, a autodeterminação do nada nos possibilita o acesso às camadas subterrâneas do mundo da vida e, então e por fim, a sobrevivência e vivência das coisas momentâneas e passageiras. Quando Keiji (2023) diz que “é na vacuidade que as coisas vivem

a descansar em seu fundamento originário”, isto quer nos dizer que o fundamento da vida é o paradoxo entre “ser” e “nada”, ou seja, o pólo transcendental do nada e o pólo imanente do ser. O ser, para o ser-aí, é o fundamento originário da imediatidade e o nada para o ser-aí é a vacuidade como fundamento originário e criador da vida. No tocante ao mundo, o contexto do sentido de mundo repousa na forma da ideia aparente, ou seja, para o ser-aí, o mundo nos transparece uma grande casca grossa e cheia de camadas superficiais e muito mais subterrâneas de modo que o si do mundo, diante de sua ipseidade absoluta, toma primeiramente estas camadas “subterrâneas” a fim de tomar o concreto pelo abstrato. Assim, quase tudo na existência, como bem demonstrou o Sr. Hegel, é abstrato por natureza porque é do sumo abstrato que advém a forma concreta da vida, esta orgânica ou inorgânica. Deste modo, a sobrevivência no mundo da vida presta-se a servir ao nada absoluto do fundo do mundo porque é diante de sua pura e absoluta vacuidade totalmente abstrata que vai nascer o mundo da vida de todas as coisas efêmeras. Com isto, a imagem do mundo, neste sentido, é a de ser uma grande névoa que paira no ar de toda a atmosfera, revestindo todos os pontos de todas as camadas da longa e eterna vida; vida esta que pulsa por conta exclusivamente da pura vacuidade do nada absoluto do fundo do mundo que lhes é inerente. Então, todas as coisas, muito antes de serem “coisas”, vivem a descansar no fundamento último originário da vida que seria o nada absoluto. Com este sentido, o fundamento da vida é o seu fundamento originário e o fundamento originário da vida é o nada absoluto. Muito embora o ser-aí apareça no mundo da vida estando o mundo natural das coisas “completo”, a dinâmica de complexificação do mundo ordinário não se encerra dada a evolução eterna e infinita do si do mundo que ora autopercebe e, ao autoperceber, autoprojeta-se para a vida. O único destino da vida, da verdadeira e autêntica vida, é a destinação rumo ao infinito do nada, ou seja, ao nada absoluto. Porque, é somente lá, caminhando rumo a isto, que haverão sempre e eternamente possibilidades autênticas de vida, de viver.

Primeiro, as coisas descansam na vacuidade própria sua que lhe é inerente e, só assim, decidem se despertar para o vislumbre que é a vida. O mundo, então, descansa também em seu si para que, somente depois, as coisas possam descansar também no vazio de sua também ipseidade. A lógica do mundo é despertada no nada e do nada o mundo aparece. O ser-aí, daquilo que ele é, captura não o si do mundo, como vemos, nem a sua ipseidade, mas captura aquilo que o mundo como fenômeno já foi criado, ou seja, o mundo em aparição. Como se vê, o fundamento último originário é a vida e, portanto, a vacuidade imanente nas coisas. As coisas descansam na vacuidade para despertar para a vida. O mundo da vida é, na verdade e em sua realidade, a existência das coisas efêmeras onde estas se encontram e descansam na vacuidade própria sua que lhe é inerente. A força vital da vida é a vacuidade que, pelo seu substrato ou fundamento originário, permeia a potência velada das coisas. Portanto, a tradição da Escola de Kyoto é ver,

no substrato das coisas, ou seja, em seu profundo subterrâneo, o fenômeno da vida em geral, dos seres e dos organismos em geral. A vivacidade ali contida perpassa pela vacuidade que alimenta a ipseidade das coisas efêmeras. A aparência do mundo é a visão vitalista da vacuidade que lhe é própria e inerente. O mundo, então, como aparência vital é o resultado do caminho do si do mundo rumo ao infinito. Assim, o contexto do mundo, para o ser-aí, é a forma aparente da ideia de mundo para o seu próprio si. O si do ser-aí se encontra na interrelação entre mundaneidade e vitalidade; a primeira através do contato ou do encontro com as coisas efêmeras e a segunda do contato ou encontro com a vacuidade aí imanente.

Portanto, o nada absoluto é resultado da profunda nulidade sempre recorrente do si do mundo. O contexto do sentido da existência se amolda a esta nulidade imanente que se dissolve na nulidade das coisas efêmeras do fenômeno da vida. O universo, então, como uma casca ou uma forma da ideia aparente do si mundo envolve-se com ele mesmo, produzindo o infinito da nulidade que é propriamente sua e inerente. Esta é a autodeterminação do si do mundo que se envolve em si mesmo e para si mesmo na solidão do estar-nulo de qualquer superfície mundana. Cada ato do si do mundo de se interiorizar cada vez mais para dentro de si é o produto, em suma, de um nada absoluto, constituído pelo próprio si do mundo. A nulidade, que lhe é natural e inerente, se espraia nas coisas efêmeras de cuja efemeridade da vida desperta também a nulidade destas coisas. Assim, o mundo aparece para nós como um vazio absoluto em que nada aparece, mas tudo permanece sempre o mesmo porque o mundo, diante de sua absoluta autodeterminação, é mesmo a pura mesmidade, ou seja, o nada absoluto. Diante da autonomia do si do mundo, as coisas soltas no vazio absoluto deste nada descansam na nulidade de sua própria origem e o si do mundo também descansa também na nulidade de sua própria ipseidade. A harmonia, então, preestabelecida fica, portanto, entre a nulidade do si do mundo e a nulidade da ideia da aparência das coisas efêmeras. Enquanto isto, o nada absoluto vai absorvendo todo o indício de nulidade que fica encrustado no substrato das coisas para, então, por fim, as próprias coisas, após descansarem em sua nulidade peculiar, repousarem na efemeridade originária das coisas que é o seu fundamento. Se, para o Sr. Hegel (2014), “a vida é a forma imediata da ideia”, a ideia da vida é a imagem reflexa da autodeterminação do si do mundo que olha para si mesmo sempre e eternamente. Então, o sentido da existência é a forma imanente e aparente da ideia da autodeterminação do si do mundo como sempre a mesma mesmidade de si mesmo. O si mesmo do mundo ao sofrer reflexivamente a sua autodeterminação passa a determinar o “para quê” das coisas, ou seja, o seu fim último, revelando assim, no substrato destas coisas efêmeras.

4. UMA CONCLUSÃO?

Para que as coisas possam ser substancialmente constituídas, torna-se necessária a autodeterminação do si do mundo porque, é na autodeterminação de sua pura mesmidade, ou seja, no reflexo de si mesmo na imanência de sua própria autoconstituição, que as coisas podem vim a se tornar logicamente “substanciais”, dada a abertura do mundo pela determinação de sua pura vacuidade. Dito isto, a substancialidade de uma coisa é inerente ao seu substrato enquanto coisa e o fundamento originário de sua autoconstituição é a sua pura mesmidade enquanto coisa também. A mesmidade da coisa mesma é o seu encontro com sua pura vacuidade que a torna uma “coisa” de fato. As coisas do mundo só podem se tornar coisas em nós através e somente de sua autodeterminação porque uma determinada coisa somente pode ser autopercebida no encontro de si mesma com a sua ipseidade. Assim e somente assim, o si mesmo do si mundo é a causa originária de todo o substrato das coisas, sejam eles, sempre passageiras, efêmeras ou absolutamente momentâneas. Este é, por ventura, o caráter de definição do si do mundo e este “si” somente pode se autoprojetar na definição e autodeterminação da coisa. Assim, o fundo do si do mundo do nada absoluto é tanto a autodeterminação do si do mundo como a autodeterminação do si da coisa. Contudo, primeiro, o mundo que é a causa originária da coisa e, somente depois, a coisa que é o produto do si do mundo. Toda esta relação é, como vimos, calcada no infinito do nada que nos conecta ao nada absoluto do mundo. Tanto para onde as coisas se destinam a ir quanto de onde elas brotam, isto tudo é resultado da manifestação do si do mundo ao preencher o seu fundo de pura vacuidade. Abstratamente falando, é esta pura vacuidade do si do mundo o contorno que se dá a cada coisa inscrita no mundo da vida e, portanto, do mundo fenomênico. Ou seja, uma coisa só se decide a se manifestar quando a relação com o si do mundo é captada pela coisa através e por meio da pura vitalidade de sua vacuidade.

É somente desta forma que o mundo, ordinário como conhecemos, “se abre” para nós na aparência iluminada de sua ideia. Ideia de cujo contorno é a sua pura vacuidade que é a necessidade vital para que uma determinada coisa se constitua como coisa aparentemente criada. Sendo assim, logicamente falando, a absoluta autodeterminação do mundo gera, mais uma vez, vida e é de seu substrato, ou seja, a lógica do fundo do mundo, que o mundo da vida aparece a todo o ser de um modo geral. Assim, tomar o mundo, tal como conhecemos, apenas pela vista perceptiva, ou seja, a sua mera aparência de mundo, é ir de encontro com o seu fundamento originário - a saber - *o nada absoluto*.

REFERÊNCIAS

ECKHART, M. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2024.

HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Ciência da lógica I: a doutrina do ser**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Ciência da lógica II: a doutrina da essência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Ciência da lógica III: a doutrina do conceito**. Petrópolis, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KEIJI, N. **La religión e la nada**. Espanha: Siruela, 2023.

LEIBNIZ, G. **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Ibérica, 2022.

NISHIDA, K. **Colección de ensayos filosóficos de un sistema filosófico**. São Paulo: Editora Phi, 2014.